

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CENTRO DE HUMANIDADES

A PRESENÇA DO SAGRADO EM *MISERERE*, DE ADÉLIA PRADO

MIKAELLI SANTOS DE SIQUEIRA

CAMPINA GRANDE-PB

2017

# A PRESENÇA DO SAGRADO EM *MISERERE*, DE ADÉLIA PRADO

MIKAELLI SANTOS DE SIQUEIRA

Orientador(a) Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

CAMPINA GRANDE-PB

2017

MIKAELLI SANTOS DE SIQUEIRA

**A PRESENÇA DO SAGRADO EM *MISERERE*, DE ADÉLIA PRADO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves  
Orientador

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Paloma do Nascimento Oliveira  
Examinadora

CAMPINA GRANDE – PB  
2017

Dedico esse trabalho ao Deus da minha vida,  
Senhor dos meus dias e de tudo o que há em  
mim, obrigada por nunca ter me abandonado,  
pois mesmo nas horas em que não mereci, tua  
fidelidade me alcançou.

## AGRADECIMENTOS

Ao final dessa etapa, não há outro sentimento a não ser o de gratidão. Gratidão a Deus por minha vida, pelo renovo das forças quando eu já não suportava mais e pela vida das pessoas que Ele colocou em meu caminho para amenizar essa jornada. Sou grata a cada um que de alguma maneira me ajudou para que eu conseguisse chegar até ao final da graduação, pois ainda não cheguei ao final do caminho que espero percorrer. Cada um sabe a participação que teve nessa conquista, mas alguns nomes não posso deixar de citar.

Agradeço aos meus pais, pela vida, educação e amor que me deram, em especial a minha mãe, minha rainha, sem a senhora eu não seria nada.

Aos meus irmãos Junior e Denielly, meus parceiros por toda a vida.

À minha Vó Nevinha (In Memoriam) por sempre estar disposta a ir atrás do melhor para mim, especialmente em relação aos estudos.

A minhas amigas Sabrina e Déborah que trilharam ao meu lado esse caminho que para mim foi tão árduo, mas que na companhia de vocês se tornou um pouco mais brando.

A todos os professores da UAL que contribuíram para minha graduação, com seus conhecimentos e até apoio em horas difíceis, em especial aos professores Aloísio, Sandra Suely, Paloma, Aluska, vocês ficaram marcados para sempre dentro de mim.

Não tenho como esquecer das caras feias de seu Marciano, obrigada por seu bom humor de sempre e às vezes nem sempre também, nem sabes mas conseguias me fazer esquecer por alguns instantes tantas adversidades me fazendo sorrir.

Sou imensamente grata ao PIBID, a contribuição financeira me ajudou a concluir o curso, mas sua contribuição na minha experiência docente é imensurável. Grata às professoras Ana Paula, Márcia e Williany por sempre darem o melhor de si para que as contribuições do PIBID sejam cada vez maiores para nós graduandos. Terei eterno orgulho de ter sido pibidiana.

A professora Paloma por ter me guiado no caminho para encontrar a senhorinha que dormiria e acordaria comigo por dias para que eu concluísse esse trabalho.

Ao professor Hélder por suas orientações, sua paciência e principalmente por ter acreditado que eu conseguiria concluir esse trabalho no tempo devido, acreditastes mais em mim do que eu mesma.

Aos meus sogros e minhas cunhadas, não estaria concluindo essa etapa agora sem a ajuda e o apoio de vocês.

A meu esposo, Angello, por ser o meu suporte emocional e financeiro, sua compreensão e apoio foram fundamentais nessa jornada que não trará frutos só para mim, mas para nossa família que é presente de Deus.

Ao meu filho amado, Angelo Gabriel, seu sorriso sempre me revigora as forças e você foi meu maior e melhor motivo de não ter desistido, que eu te dê orgulho e te sirva de exemplo. Você é sem dúvidas o meu anjo enviado por Deus.

Ainda que eu tente com palavras agradecer a todos aqui citados e os que por emoção esqueci de colocar o nome, saibam que não terei jamais como retribuir o que todos fizeram para que eu estivesse aqui. Muito Obrigada.

“Tudo é possível ao que crê.” Marcos 9:23

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar como o sagrado se apresenta em poemas de Adélia Prado e como a poetisa concebe o sagrado relacionado a outras temáticas. Para chegarmos ao destino almejado percorreremos os estudos de Mircea Eliade (2010) que apresenta o conceito do que é o sagrado, bem como estudos que mostram como esse sagrado pode se revelar, tornando real a experiência do indivíduo com o Ser divino. Passearemos também pelos estudos de Alves (1992) e Oliveira (2012) para tratarmos acerca das outras temáticas as quais se relacionam com a sacralidade em Adélia bem como das características do seu modo de escrever. Nosso alvo principal são os poemas do livro *Miserere* (2013), onde traremos algumas análises de poemas da autora mostrando como se dá a representação sagrada nesses poemas da autora, a saber: “Do Verbo divino”, “O Hospedeiro”, “A criatura” e por último, “O Pai”, sendo todos esses da obra *Miserere*. Além destes, passearemos por poemas de outras obras, mostrando como Adélia concebe esse sagrado também nas outras obras. Em nosso trabalho concluímos que para Adélia o sagrado se revela de maneira simples e cotidiana, a construção da sacralidade acontece em qualquer lugar que a poetisa esteja e até dentro de si mesma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adélia Prado. Sagrado. Miserere.

## LISTA DE SIGLAS

**ADD** – *A Duração do Dia*

**AFP** – *A Faca no Peito*

**AP** – Adélia Prado

**BS** – Bíblia Sagrada

**ODM** – *Oráculos de Maio*

**TSC** – *Terra de Santa Cruz*



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I – A LÍRICA VIDA DE ADÉLIA PRADO</b> .....	12
1.1 O modo Adélia de escrever .....	12
1.2 Alguns pensamentos de Adélia formadores de suas poesias .....	16
<b>CAPÍTULO II – O SAGRADO EM MEIO A PROFANO</b> .....	20
2.1 Quando O Sagrado se revela .....	20
<b>CAPÍTULO III – QUATRO VISÕES, TODAS DIVINAS</b> .....	27
3.1 Do Verbo Divino .....	27
3.2 O Hospedeiro .....	29
3.3 A Criatura .....	33
3.4 O Pai .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	39

## INTRODUÇÃO

Sabemos que para adentrar no universo religioso é necessário bastante cautela, visto que atinge, muitas vezes, o emocional dos indivíduos; e, em se tratando de alguma determinada religião, fica ainda mais complexo, já que um grupo específico de pessoas pode se sentir mal representados. Por esse motivo tomaremos por referência o cristianismo, que respalda algumas religiões, tais como: o catolicismo e o protestantismo (suas duas principais representantes), mas também o espiritismo, igreja dos Mórmons, Adventista e algumas outras. Sendo assim, esta pesquisa tem por finalidade analisar como o divino é abordado na obra de Adélia Prado, tendo como corpus poesias de alguns de seus livros, principalmente de sua última obra publicada até o presente momento, intitulada *Miserere*.

Como todo estudo surge a partir de uma inquietação sobre determinado assunto, esse trabalho nasce após o contato com as obras de Adélia Prado, indicado por uma professora substituta desta instituição. Logo após as primeiras leituras de alguns dos poemas da autora, pude perceber que seu olhar sob o ponto de vista do sagrado é bastante peculiar comparado ao que estamos habituados a ver. Para podermos adentrar nesse universo sagrado sob o ponto de vista de Adélia Prado, percorreremos um caminho que passa por outras obras da poetisa, visitando outras temáticas e alguns modos particulares da autora de escrever poesia.

Adélia Prado aborda muitas temáticas em seus poemas, mas todas elas são perpassadas pelo viés do sagrado. Podemos afirmar que tudo o que ela escreve faz referência ou se relaciona com o divino. Adélia enxerga sacralidade em tudo o que vive, considera que o divino sempre está próximo do humano.

Foi essa peculiaridade de enxergar o divino de maneira mais humana que despertou o interesse pelo desenvolvimento dessa pesquisa e a questão que tentaremos responder ao final desse trabalho é: como se dá a construção da sacralidade na obra *Miserere*, de Adélia Prado?

Almejamos contribuir para os estudos críticos sobre a escrita da autora em seu aspecto sacro, sendo assim nosso trabalho tem por principal objetivo observar a conotação que a sacralidade possui na obra de Adélia Prado a partir da análise de poemas selecionados do livro *Miserere*, pelo fato de seus poemas, habitualmente,

serem cercados pela divindade que ela crê, ora de forma superior e distante, ora de forma humana e palpável, mas sempre presente.

No intuito de alcançarmos nosso objetivo principal trilharemos um caminho que vai desde as investigações de como Adélia apresenta sua poesia, algumas peculiaridades de seu modo de escrever, bem como observar como a poetisa aborda algumas das temáticas que mais aparecem em seus poemas e que estão presentes em todos os livros publicados de poesia da autora. Trataremos também sobre algumas concepções do que é o Sagrado, até chegarmos à análise da sacralidade em alguns poemas selecionados do livro *Miserere* e como essa sacralidade se relaciona com as demais temáticas apresentadas nesse trabalho.

Nossa pesquisa de cunho bibliográfico está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo de título “A Lírica vida de Adélia Prado” abordará o modo escrever de AP sob dois aspectos, a visão feminina da autora e a construção da poesia em vitral, aspecto marcante de seu estilo, apresentando também três temáticas, cotidiano, erotismo e saudade, que aparecem nos oito livros da poetisa, a saber: *Bagagem* (1976), *O coração disparado* (1978), *Terra de Santa Cruz* (1981), *O pelicano* (1987), *A faca no peito* (1988), *Oráculos de maio* (1999), *A duração do dia* (2010) e *Miserere* (2013).

No segundo capítulo de título “O Sagrado e suas Concepções” faremos um estudo do modo que o sagrado se apresenta, de como e onde podemos enxergar o divino. Trataremos do sagrado a partir do olhar de Mircea Eliade (2010) e das concepções bíblicas.

No terceiro e último capítulo analisaremos 4 poemas, todos do livro *Miserere*, de Adélia Prado, observando nestes como o sagrado é apresentado pela poetisa.

## CAPÍTULO I – A LÍRICA VIDA DE ADÉLIA PRADO

“Tão lírica minha vida,  
difícil perceber onde sofri.”

(*Pingentes de Citrino*, Adélia Prado)

Adélia Prado é uma mineira que, sem avisar, invadiu a literatura brasileira com uma identidade e uma qualidade poética sem igual. De nome batismal Adélia Luzia Prado de Freitas, nascida e criada na cidade de Divinópolis a poetisa lança, com mais de 40 anos, seu primeiro livro, *Bagagem*, considerado pelos leitores e pela crítica uma obra madura, sem vestígios de que fosse uma iniciante no mundo dessa arte que utiliza a palavra como matéria-prima. Diferente de tantos autores, Adélia possui um padrão em sua escrita que encontramos desde *Bagagem* até *Miserere*.

Desde seu primeiro livro ela já se mostrou e continua até hoje apresentando sua poesia com características similares em cada uma de suas obras, fato este que mostra certa homogeneidade tanto nas temáticas bem como em seu estilo, mas não um engessamento, visto que cada um de seus livros possuem sua particularidade desde o primeiro, *Bagagem* (1976), até o último até então lançado, *Miserere* (2013).

### 1.1 – O MODO ADÉLIA DE ESCREVER

A poesia de AP se destaca desde a publicação de sua primeira obra por alguns motivos além da incomum “maturidade estilística e uma densidade no tratamento dos temas atípica para um livro de estreia” (ALVES, 2014, p. 126). Também se caracteriza pelo fato de não ter se detido às temáticas da época, que atravessava o cume da ditadura militar, o que muitos escritores desse tempo fizeram. Adélia não escreve para a época, sua poesia desde sempre foi atemporal, revelando não sobre o que se passa no momento, mas sobre seu cotidiano e seu interior, sentimentos e situações que qualquer um e a qualquer tempo pode vir a passar e sentir.

Outra peculiaridade de Adélia, talvez a que mais justifique essa singularidade, é o fato de seus poemas terem uma perspectiva feminina e não feminista. De acordo com Oliveira (2012, p. 11) “não havia uma mulher lutando por direitos político-

sociais, mas se orgulhando ao assumir sua posição”; o que ocorre é que Adélia discursa sobre várias temáticas a partir do ponto de vista da mulher real, que é filha, mãe, esposa, mulher religiosa e, ao mesmo tempo, erótica, que tem seus anseios e os diz da forma que sente.

De acordo com os estudos de Zolin (2009) há até pouco tempo, a literatura privilegiava a posição do homem em detrimento da mulher, mas com o surgimento do movimento feminista, a literatura escrita por mulheres vem ganhando cada vez mais espaço. Alguns escritos foram criados a partir da imitação do estilo masculino, outros surgem como vozes femininas na busca de uma conquista de igualdade de gêneros, mas existe uma terceira linha de criação que visa abordar a vida sob uma ótica feminina, não imitando ou buscando um ideal, mas apenas focando a mulher em sua realidade, mostrando suas fraquezas e toda a sua força, seus receios, desejos e suas crenças. E é por esse terceiro viés de criação que se encontra a poesia adeliana, que aborda temas tão despretensiosos como o cotidiano, a saudade, a sacralidade, mas também temas polêmicos, como o erotismo, os desejos femininos, – todos eles sempre sob uma perspectiva feminina.

Partindo das afirmações de Boehler (2013), a poesia de Adélia não tenta posicionar-se a favor ou contra o feminismo, mas representar o gênero em diversos contextos de opressão e exclusão vividos pelo sujeito feminino. Isto se dá pelo fato de as sociedades patriarcais terem se utilizado da ideologia judaico-cristã, a qual afirma que o pecado é personificado na mulher por intermédio de Eva, para que as mulheres pudessem ser submissas e subordinadas aos homens.

O sagrado vivenciado e expresso por AP traz uma releitura da religiosidade católica e muitas vezes o divino é personificado, numa tentativa da autora de reinventar “uma outra expressão de Deus”, criando uma versão palpável da divindade (BOEHLER, 2013, p. 115). Trataremos da questão religiosa um pouco mais à frente, por ser este nosso principal objeto de investigação na poesia adeliana.

São muitas as características da poesia adeliana, que se fossemos citar todas seria caso para a produção de inúmeras páginas, mas para mostrar outra peculiaridade fora o olhar feminino e não feminista em suas obras, Adélia trabalha em suas poesias com uma característica denominada por Alves (1992) de *Poesia de Vitral* (PV). Trata-se de um estilo poético inovador e até curioso, que resulta em uma obra que traz pensamentos isolados, *a priori* sem ligação direta, mas que ao final o

resultado é um poema que possui um único sentimento formado por partes aparentemente desconexas, mas que se completam, possibilitando alcançar o que a poetisa quis exteriorizar ao escrever o poema.

Essa Poesia em Vitral é explicada por Alves (1992):

A imagem do vitral conota, entre outras coisas, a noção de reunião de “cacos”, de partes estilhaçadas, de pequenas coisas aglutinadas. Em seu sentido denotativo, o vitral constrói-se com fragmentos de vidros, elementos delicados, quebráveis facilmente e que carecem de burilamento, de corte cuidadoso, de atento trabalho manual. O vitral embeleza janelas, igrejas, espaços públicos e privados. O estilo de Adélia resulta desta construção cuidadosa com palavras/cacos para compor o vitral/poema. (ALVES, 1992, p. 26-27).

A construção em vitral é justamente aquelas imagens apresentadas naqueles vitrais que encontramos geralmente nas portas e janelas das igrejas, são cacos de vidro e cada pedaço pertencia a outro lugar, cada caco tem uma origem diferente, mas que nas mãos do artista passam a compor harmonicamente o que seu criador quer, unindo estes pedaços de maneira que a obra completa tenha um único formato.

Na poesia de Adélia, isso acontece porque ao compor os poemas ela dialoga com a poesia e como em qualquer conversa, pensamentos vão surgindo e vão sendo ditos de maneira que o outro com quem se está conversando compreenda o pensamento de quem falou. Isso é compreensível porque se alguém analisar os recortes de uma conversa, terá uma primeira impressão de que algumas coisas não estão relacionadas a outras, ou seja, é preciso contextualizar cada parte de alguns dos poemas de AP, para que ao final seja possível compreender toda a unidade desse poema.

Vejamos a seguir como se dá essa construção em vitral no poema “Olhos”, do livro *A Duração do Dia*.

Olhos

A muda de olhos azuis  
que morava com as freiras  
dava equilíbrio ao mundo,  
porque era muda e eu não.

Sobre cigarras sabe-se:  
Seu desespero cíclico é esperança.  
Que vida estranha a minha,  
me fingindo de pobre na abundância,  
me fingindo de muda entre falantes,  
imitando cigarra às escondidas,  
as que quando morrem  
viram fóssil de ar,  
lâminas de cristal nos troncos,  
desidratadas de excessos.  
Eu não sabia que era objeto de amor,  
a vida toda renegando minha herança,  
pensando agradar a Deus não sendo abrupta.  
O sapato é novo  
ou são meus pés recriados que latejam?  
Como o grunhido da muda  
esta fala é bruta,  
estou feliz e dói.

(PRADO, 2015, p. 394)

Podemos ver nesse poema que AP inicia falando sobre alguém de olhos azuis. Em seguida a poetisa fala de si, fazendo uma comparação entre as cigarras e ela mesma, no que diz respeito à questão do canto da cigarra e o fato dela falar muito, diferente da moça dos olhos azuis. Mais adiante AP convoca outras temáticas, mas continua falando de si, desta vez afirma que não sabia ser objeto de amor, passou toda a vida renegando sua herança, acreditando ela que agradava a Deus sendo sempre tão delicada.

A tomada de outra temática é ainda mais nítida quando Adélia fala em seus sapatos, questionando se são novos os sapatos ou seus pés, pois estão latejando e grunhem como a muda de olhos azuis, esse grunhido é bruto, mas mesmo doendo ela está feliz. Nessa última parte, que poderia ser vista como algo totalmente desconexo, AP retoma a questão da moça muda de olhos azuis que citara no início do poema para poder explicar como estaria pulsando a dor em seus pés, como a muda quando grunhia. Esse artifício prevalece na quase totalidade dos poemas de AP, que utiliza esses recortes incongruentes para expressar seus sentimentos e pensamentos. Esses pedaços de pensamentos e imagens resultam nessa construção em vitral

## 1.2 TEMÁTICAS NORTEADORAS DA POESIA ADELIANA

Além da visão feminina e não feminista que Adélia expressa em suas obras, bem como a utilização da construção da poesia em vitral como fortes características adeliana, também são aspectos bastante conhecidos a recorrência de algumas temáticas nas construções de suas obras. Esses temas podem ser entendidos como os pensamentos que mais rondam AP, não só pensamentos, mas também situações e sentimentos vividos e sentidos pela poetisa que refletem em seu fazer poético.

Das temáticas mais exploradas por Adélia estão o cotidiano, a sacralidade, a morte, a saudade, o erotismo, o amor, dentre tantas outras; mas essas estão presente em todos os livros de poemas da autora. Escolhemos três dessas temáticas para exemplificar como se apresentam tais temáticas na poesia adeliana, utilizando poemas de obras diversas da autora e adentraremos um pouco mais numa quarta temática que é justamente a presença da sacralidade, esta temática, sim, será trabalhada na obra *Miserere*. Essa abordagem já foi estudada por diversos críticos, dentre eles, destaque: Alves (1992), Oliveira (2012), Bittencourt (1989), Júnior (2016), dentre outros.

Duas dessas temáticas bastante recorrentes é o cotidiano e o erotismo. Adélia entrelaça vários vieses em uma única poesia. Vejamos como se dá esse entrelace de temáticas em um recorte de uma poesia da obra *Terra de Santa Cruz*.

### Sagração

Na casa de meus pais, minha mãe cozinhava,  
Eu tomava conta de menino pequeno.  
Inquieta, porque o moço aguardava-me.  
O neném está molhado, dizia ele,  
vou lhe trocar as fraldas.  
Fui para o quarto, minha mãe me passando olhos,  
eu experimentando vestidos para chegar na porta  
e conversar com o moço sussurrando-me:  
quero comer suas pernas, sua barriga, seus peitos,  
quero tocar você.  
E deveras tocava-me com o fundo da alma dele  
Reluzindo nos olhos:  
Você trocou o neném?  
Você é tão esquisita!



Para de falar em amigos e me escuta.  
Comecei a chorar de prazer e vergonha.  
Olhando meus pés descalços ele riu.  
As vibrações da carne entoam hinos,  
também às que se vira o rosto como a fornicações:  
flatulência (disse num meu ouvido),  
bocejos (disse no outro),  
pulsações de prazer.  
(PRADO, 2015, p. 225)

Como dito anteriormente, Adélia não escreve sobre o externo ou algo distante, ela escreve o que vive, o que sente, o que enxerga da vida, por esse motivo tem essas temáticas tão presentes em toda sua obra. Nesse poema AP consegue fundir seu cotidiano com o sentimento erótico. Observa-se que do verso 1 ao 8, do 13 ao 15 e no 17 Adélia apresenta o dia-a-dia de maneira simples, com isso não vemos tentativa da poetisa em mostrar, forçadamente, essa rotina.

A sutileza com que AP aborda esse cotidiano e como seus dias “seguem no dever da ordem natural das coisas, da continuidade da vida” (OLIVEIRA, 2012, p. 37), é o que torna peculiar essa temática em AP, possibilitando assim um entrelace desse cotidiano com diversas outras temáticas. Já nos versos de 9 a 12, 16 e de 18 a 22 encontramos o viés erótico da poesia adeliana. De acordo com Oliveira (2012), a forma como AP trabalha com o erotismo em seus poemas nos apresenta a temática de forma menos vulgar, fugindo da visão depravada da sexualidade, revelando apenas os questionamentos e vivências de uma mulher comum.

O erotismo construído pela escritora não se confunde à pornografia, não é alicerçado em bases de teor vulgar ou ligado a uma sexualidade despudorada. O erótico da vertente adeliana é inovador por trazer um peculiar misticismo e por surgir da experiência e dos questionamentos de uma mulher fortemente ligada ao ambiente doméstico e a uma tradição religiosa. (OLIVEIRA, 2012, p. 46)

No poema *Sagração*, o erotismo se constrói pela chegada do moço, pelo que ela já espera que ele fale, palavras que despertam o desejo, aguçando a sensualidade da poetisa em meio a situações corriqueiras, como explica Alves (1992, p. 42): “A experiência erótica para Adélia é parte do cotidiano. Revela-se no modo de viver, nos trabalhos, no olhar da mulher para o homem, no desejo que este olhar acende”. Esse viés erótico é bastante encontrado em AP, mulher católica, mãe

e esposa, mas que enxerga o erotismo como algo natural ao ser humano, como algo que vem do sagrado e não do profano.

Uma terceira temática muito abordada, mas não tão enfatizada em estudos sobre a autora, é a saudade. Adélia sempre traz em suas obras poemas com sentimentos saudosistas, seja de sua infância, de seus pais, de seus irmãos. A poetisa quando iniciou essa caminhada de escritora, não era mais nenhuma jovem que escreve no aflorar das emoções. Quando começou a escrever suas primeiras poesias já havia perdido sua mãe, talvez esse seja um fato que explique esse sentimento de saudade presente em seus poemas desde seu primeiro livro. Além disso, Adélia tem suas produções poéticas intensificadas após seus 40 anos já tendo, nessa época, perdido também seu pai.

No poema “Tanta Saudade”, do livro *Terra de Santa Cruz* observamos com clareza o saudade de Adélia por seu pai e sua mãe.

#### Tanta Saudade

No coração do irrefletido mau gosto  
a alegria palpita.  
Montes de borboletas entram janela adentro  
provocando coceiras, risos, provocando beijos.  
Como nós nos amamos e seremos felizes!  
Ah! Minha saia xadrez com minha blusa de listras...  
Faço um grande sucesso na janela  
fingindo que olho o tempo, ornada de tanajuras.  
Papai tomou banho hoje,  
quer vestir sua camisa azul de anil,  
fio sintético transparente, um bolsinho só.  
Quem me dera um só dia  
dos que vivi chorando em minha vida  
quando éreis vivos, ó meu pai e minha mãe.  
(PRADO, 2015, p.189)

Em “Tanta Saudade”, Adélia, mergulhada em sua lembrança, volta no tempo e descreve essa visita ao passado. A poetisa visualiza toda a cena como se de fato estivesse vivenciando o momento, mas ao final do poema reconhece a impossibilidade de voltar a vivenciar um único dia daquele passado ao lado de seus pais. Por esse motivo é que encontramos em diversos poemas a Adélia saudosa, que sempre busca relembrar o passado, mas sempre com lamentações por saber

que jamais poderá viver tais momentos novamente, não porque simplesmente o momento passou, mas porque os seus se foram.

Entre tantos temas que estão sempre presentes em todas as obras de AP, a sacralidade é algo que está em praticamente todos os poemas, se não diretamente, mas indiretamente, pois sua poesia respira sacralidade, agregando esse sagrado a todas as outras temáticas.

O caráter religioso da escritora reflete-se muitas vezes no do eu-lírico e em seu último livro até então publicado observamos esse enfoque de maneira ainda mais intensa. Construir uma literatura expressando princípios religiosos é uma característica da poetisa, que aproxima o sagrado do humano, tornando os sentimentos e situações carnis diretamente ligados ao místico religioso. A escritora muitas vezes associa a sacralidade ao erotismo, a saudade, ao cotidiano e a qualquer outro aspecto, colocando em voga os desejos e sentimentos humanos de maneira bem aberta, já que para Prado (2015) tudo o que ela sente “esbarra em Deus”.

A escritora, a partir de sua poesia, mostra como tudo pode estar tanto num plano material, quanto num plano espiritual e mostra que o indivíduo não deve assumir um distanciamento em relação ao ser divino, ao contrário, a relação de proximidade entre o humano e o sagrado é sempre colocado em voga a cada verso, demonstrando que esse divino nem sempre é um ser inalcançável e intocável, mas um ser que se mostra humano mesmo com toda sua primazia de criador.

## **CAPÍTULO II – O SAGRADO E SUAS CONCEPÇÕES**

Nesse capítulo discorreremos acerca das concepções de “sagrado” à luz de Eliade (2010), que aborda não só a definição do que é o sagrado, mas onde, como e quando este se manifesta. Em nossa pesquisa, mais importa adentrar nos estudos de onde e como o sagrado se revela, o “quando” ele se revela não tem aplicabilidade em nossos estudos, portanto não nos deteremos ao tempo sagrado. Ainda nesse capítulo investigaremos sobre a relação que a literatura possui com o sagrado embasados nos estudos de Costa (2011), além de observarmos, a partir da perspectiva de Oliveira (2012), como se apresenta essa temática na obra de Adélia Prado, mais especificamente em seu último livro, intitulado *Miserere*.

### **2.1 QUANDO O SAGRADO SE REVELA**

Sabemos que a figura do divino, para a maioria das religiões, é tida como um ser supremo e em algumas dessas concepções até intocável, um ser a quem não se tem acesso direto até Ele a não ser por orações, cultos, sacrifícios etc. Contudo, para Eliade (2010) mesmo que, em algumas crenças, o sagrado seja tão supremo, ele se manifesta no mundo material, ainda que de uma maneira diferente. Em seu livro, *O Sagrado e o Profano*, o autor supracitado apresenta uma concepção de sagrado que alimenta-se dos estudos de Rudolf Otto, renomado pesquisador sobre o assunto. Tal concepção define que “o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência” (ELIADE, 2010, p. 14). Com isso, temos que o que é real, é sagrado.

Mas como explicar que o sagrado equivale ao que é real? Para isso, atentamos que ao falarmos em realidade do sagrado ou revelação do sagrado, sempre estaremos sob uma perspectiva religiosa, pois para os que não acreditam em divindade alguma, ou seja, vivem em um mundo totalmente dessacralizado, toda e qualquer coisa ou ser que seja alvo dessa manifestação sagrada não possuem nenhuma especificidade a não ser as suas características e definições naturais.

É preciso não esquecer que, para o homem religioso, o “sobrenatural” está indissoluvelmente ligado ao “natural”; que a Natureza sempre exprime algo que a transcende. Como já dissemos, uma pedra sagrada é venerada porque é sagrada e não porque é pedra; é a sacralidade manifestada pelo

modo de ser da pedra que revela sua verdadeira essência. (ELIADE, 2010, p. 59)

Assim sendo, o homem religioso, acredita que tudo quanto existe foi criado pelo divino, e se é obra feita pelas mãos dEle, recebe, sim, uma carga de sacralidade. Temos como base também as escrituras bíblicas que afirmam “Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e tudo o que neles há” (Gênesis 2:1). Essa passagem bíblica refere-se ao sexto dia da criação do mundo, quando Deus finaliza sua obra. O ser humano, os animais, as plantas, os astros, até os fenômenos fisiológicos por serem criações do Ser supremo passa não só a existir, mas a serem sagrados. Em contrapartida, Eliade (2010) afirma que o profano é tudo o que se opõe ao sagrado, sendo assim, o que não vem do divino, o irreal. Sua obra nos apresenta a religião de várias civilizações de épocas diferentes, sempre mostrando como cada povo compreende tanto o sagrado como o profano.

Encontramos um exemplo no poema “Artefato Nipônico” do livro *A Faca no Peito*, de AP.

#### Artefato Nipônico

A borboleta pousada  
ou é Deus  
ou é nada.

Nesse poema AP afirma que a borboleta que está pousada em algum lugar ou é o próprio Deus ou é nada, ou seja, ou é completamente sagrado, refletindo o próprio Deus ou não tem representatividade sacra alguma.

Eliade expõe seus estudos sobre o espaço do sagrado, mostrando que este é heterogêneo, ou seja, o espaço em que o homem religioso vive possui pontos altos e pontos não tão altos de sacralidade. Ele explica que no ambiente em que o homem religioso está inserido existem lugar ou lugares sagrados e esses lugares é que tornam o espaço heterogêneo, pois são considerados locais de “passagem de uma região cósmica a outra” (ELIADE, 2010, p.25).

Em João, capítulo 2 (Bíblia Sagrada), ele faz referência a um lugar sagrado, que o próprio Jesus chama “casa de meu Pai”. Na ocasião o Filho de Deus se ira com comerciantes que estão no templo fazendo comércio e os expulsa dali: “16. e disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio. 17. Lembraram-se os discípulos de que está escrito: O

zelo da tua casa me consumirá.” (BS, João 2:16-17). Nesse trecho observamos que para o homem religioso, os ambientes sagrados possuem uma importância a mais, exige-se um respeito maior pelo local que é físico, mas que ao mesmo tempo é sacro, pois lá se encontra o próprio Ser divino.

A heterogeneidade do espaço sacro se explica justamente por isso, se existe um lugar denominado sagrado, chamado por Eliade (2010) de ponto inicial de criação, então aquele ponto é o mais sagrado e toda a extensão da ampliação desse espaço também é sagrado. Temos, com isso, que não só o ponto fixo, mas suas extensões também são sacras, mas em uma escala menor proporcionalmente à distância que se tem do ponto inicial. Em outras palavras, quanto mais distante desse ponto fixo inicial, mais o nível de sacralidade vai diminuindo. Eliade exemplifica:

Escolhamos um exemplo ao alcance de todos: uma igreja em uma cidade moderna. Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua em que ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e sagrado. (ELIADE, 2010, p. 19)

Os estudos do autor mostram que a igreja é tida como ponto inicial já que se difere dos outros ambientes por possuir uma “qualidade excepcional, *única*” (ELIADE, 2010, p. 18), pois de todo o seu mundo particular é como se esse lugar (a igreja), tivesse uma realidade diferente da do indivíduo, e proporcionasse experiências extraordinárias ao seu dia a dia. Mas não é só na igreja que esse ambiente sacro se faz real, Eliade (2010) explica que o mesmo acontece na casa do indivíduo religioso, onde existe uma atmosfera sagrada. Isso faz com que tudo o que estiver externo à casa seja um ambiente profano, que não está envolto do sagrado.

Nas escrituras bíblicas o lugar sagrado ainda vai além que igrejas e o lar do indivíduo. Em Mateus temos: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (MATEUS 18:20). Nesse sentido, entendemos que para o homem cristão qualquer ambiente pode receber a presença do Ser divino, pois não é só o local específico que é considerado sagrado, mas a evocação desse Ser divino torna qualquer lugar um espaço sagrado.

Essa constatação nos faz perceber que o que faz o lugar sagrado, não é simplesmente a determinação do tipo de ambiente, mas as experiências que o

indivíduo tem com o Ser supremo, lógico que existe todo um simbolismo religioso que promove a sacralização de lugares específicos, mas não podemos deixar de observar que a relação do indivíduo com o divino contribui bastante para a sacralização do local que o indivíduo frequenta.

Observamos também que para Eliade (2010) tudo o que existe é sagrado, ou seja, o divino se revela em qualquer coisa. A isso ele dá o nome de “hierofania”, utilizando esse termo para referir-se ao fenômeno da manifestação do sagrado.

A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. (ELIADE, 2010, p. 13)

A seguir, um exemplo de como o sagrado pode se manifestar, possibilitando um contato direto com o próprio divino. Observemos um trecho de um dos poemas de Adélia e que mais a diante veremos por completo:

#### Do Verbo Divino

(...)  
e estão lá as três,  
estáticas como a Trindade Santíssima.  
Faz tempo que estou aqui  
com medo de levantar-me  
e descosturar o inconsútil.  
Mudam de galho as três,  
uma licença para eu também me mover  
e escapar como rolas  
da perfeição de ser.  
(PRADO, 2015, p. 473)

Em “Do Verbo Divino”, título desse poema, que se encontra em *Miserere*, observamos que Adélia experimenta, a partir de uma situação cotidiana, uma vivência do sagrado. A hierofania, denominada por Eliade (2010), acontece quando a poetisa descreve as três rolas que estão diante de seus olhos, em um galho, onde pousaram e limpam suas penas. Ela descreve a cena como a presença de Deus e não só dEle, mas do seu filho e de seu Santo Espírito, chamados por ela e pelos cristãos de Santíssima Trindade.

Entendemos que a poetisa enxerga a revelação do sagrado nas três rolas não só quando as comparam com a Santíssima Trindade, mas em seu comportamento de respeito e cautela em dessacralizar aquele momento em que as rolas estão ali. O que ocorre é que se ela se mexe e as aves voam aconteceria o que ela descreve como “descosturar o inconsútil”, aquele momento sacro se romperia de maneira que não daria mais para consertar. Esse comportamento mostra como o divino é tido como supremo, pois um instante de contemplação, face a face com esse ser sagrado é considerado de inestimável valor, já que não teria como recosturar ou reparar aquele momento perdido.

Esse ponto de vista que enxerga o divino como ser supremo faz com que o homem religioso busque a todo momento aproximar-se desse ser ou de qualquer coisa em que o divino tenha se revelado, pois:

O homem das sociedades arcaicas tem tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, Pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. (ELIADE, 2010, p. 13-14)

Como já foi dito, o sagrado representa poder, mas não somente isto, pois além de poderoso, o homem religioso tem a consciência de que o divino é real e até físico, que se faz material quando se revela em algo e até mesmo em alguém, como quando veio ao mundo como homem, se revelando no corpo de Jesus. Por isso o interesse do indivíduo por manter-se sempre em comunhão com o divino, para poder ter acesso tanto à realidade, quanto ao poder que esse Ser detém. A busca pela proximidade do divino é observada no seguinte poema que está no livro *Oráculos de Maio*.

#### Direitos Humanos

Sei que Deus mora em mim  
como sua melhor casa.  
Sou sua paisagem,  
sua retorta alquímica  
e para sua alegria  
seus dois olhos.  
Mas esta letra é minha.  
(PRADO, 2015, P. 246)



No poema Direitos Humanos vemos que o Ser divino não está apenas próximo da poetisa, mas sua convicção é que Ele esteja dentro dela própria, fazendo morada. Esse poema faz uma intertextualidade bíblica ao afirmar que Deus faz morada dentro da poetisa. O trecho bíblico ao qual a escritora faz referência esta é I Coríntios capítulo 6: “19. Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus e que não sois de vós mesmos? 20. Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (I CORÍNTIOS 6:19-20).

Adélia ainda diz que não é só morada do divino, mas seus olhos, lugar de experimento, ou seja, ela não se pertence, mas ao final diz que pelo menos “esta letra” é dela, ratificando o que está escrito no final do versículo 19, que “não sois de vós mesmos”. Ela não pertence a si mesma, pertence ao ser que mora nela.

Eliade explica que existem dois tipos de homens, o das sociedades primitivas e o homem das sociedades modernas. Esse homem da sociedade primitiva não é exatamente o que viveu em tempos passados, mas o que possui suas crenças com base nas ideologias mais antigas e com isso, acredita que coisas simples do cotidiano, fenômenos naturais, atos fisiológicos são ou podem vir a se tornar algo sagrado. A este, chamamos homem religioso. Já para o homem das sociedades modernas, em qualquer que seja a situação, se é um objeto, um fenômeno natural ou fisiológico, não haverá qualquer manifestação sagrada, pois possuem seus significados em si mesmos e neste caso, temos o homem profano.

Segundo Eliade (2010, p. 59) para o homem religioso tudo no cosmos, ou seja, tudo em nosso mundo, pode vir a ser objeto de manifestação do sagrado, pois para ele “o Cosmos é uma criação divina: saindo das mãos dos deuses, o Mundo fica impregnado de sacralidade”. Assim sendo, o estudioso apresenta uma concepção de que o natural é que exista de fato a manifestação do sagrado em qualquer coisa do mundo, visto que todas as coisas tiveram sua origem a partir das mãos do próprio criador. O cosmos ao qual Eliade se refere é o mundo em que o homem religioso vive, todo o resto recebe dele o nome de caos.

No tocante ao mundo que vivemos, existe dois universos no mesmo mundo, duas realidades ao mesmo tempo. A do homem religioso e a do homem profano. Para o homem religioso tudo o que está ao seu redor, tudo o que ele vive e faz está impregnado de sacralidade, pois foi o próprio Ser divino que fez ou proporcionou. A

harmonia da natureza e sua beleza, o céu, a terra e tudo o que há neles são essencialmente sagrados. Contudo, não só isso, mas mesmo o que foi feito pelas mãos do homem, como as construções arquitetônicas, são sacralizados de acordo com o que representa e também a depender da evocação que o homem religioso faz ao divino. Isso se explica porque mesmo o local não sendo considerado sagrado, ao ser invocado, o Ser supremo se faz presente, tornando o local também sagrado. Já para o homem profano cada coisa, cada situação não possui carga de sacralidade alguma, não detém nada de místico, senão sua utilidade e significados contidos na própria coisa.

Com as devidas explicações teóricas acerca do sagrado e suas manifestações, seguiremos para o terceiro e último capítulo, onde adentraremos mais especificamente na poesia do livro *Miserere*, de Adélia, investigando como se dão essas manifestações sacras em seus poemas.

### **CAPÍTULO III – QUATRO VISÕES, TODAS DIVINAS**

Após toda essa discussão sobre o modo poético de AP e dessa investigação mais detalhada sobre a temática do sagrado, daremos continuidade ao trabalho analisando alguns poemas selecionados do livro *Miserere*, o qual se concentra nossa pesquisa. Nessas análises observaremos de que maneira a sacralidade se revela na poesia de AP e como a poetisa enxerga o ser divino.

O mais recente livro lançado de Adélia Prado foi lançado em 2013. *Miserere* vem de uma expressão do latim “miserere nobis” que significa “tem piedade de nós”. Nesse livro AP traz as mesmas abordagens temáticas que em todos os outros livros anteriormente lançados. Cada obra traz um tema mais recorrente e em *Miserere* a temática que se sobressai é a religiosa.

O livro possui 38 poemas e é dividido em 4 partes intituladas de: Sarau, Miserere, Pomar e Aluvião. É de Pomar que retiramos o primeiro poema que analisaremos.

#### 3.1 Do Verbo Divino

1. Três aves juntas limpam-se as penas
  2. e param imóveis
  3. no mesmo instante em que intento dizer-me
  4. da perfeita alegria.
  5. Ninguém acreditará,
  6. me empenho em fechar os termos
  7. desta escritura difícil
  8. e estão lá as três,
  9. estáticas como a Trindade Santíssima.
  10. Faz tempo que estou aqui
  11. com medo de levantar-me
  12. e descosturar o inconsútil.
  13. Mudam de galho as três,
  14. uma licença pra eu também me mover
  15. e escapar como as rolas
  16. da perfeição de ser
- (PRADO, 2015, p. 473)

Nesse poema Adélia Prado faz uma descrição de uma cena do cotidiano, uma situação muitas vezes vivida pelas pessoas, mas talvez não experienciada da

maneira que foi pela poetisa. Adélia inicia o primeiro verso já com a descrição do pouso de três pássaros, os quais estão a limpar as penas. Se observarmos a fauna de qualquer lugar do mundo, as aves são os únicos tipos de animais que ficam entre a terra e o céu, são os que mais se aproximam do lugar considerado morada de origem do Ser supremo, do Criador.

No segundo verso, o eu lírico afirma que as três aves que antes limpavam as penas, agora param, em repouso, sem movimentação alguma, como se a observassem exatamente no momento em que ela tenta dizer para si mesma de sua alegria, que está feliz e que essa felicidade é perfeita. É como se o eu lírico dissesse que as aves ficam paradas, observando como ela se convence de que está feliz e de que essa felicidade é plena, completa.

Dos versos 5 ao 7, AP com um ar um tanto triste, afirma que “ninguém acreditará”. Não temos como saber sobre o que o eu lírico fala, de que se trata esse fato que não será aceito como verdadeiro por ninguém, o que está explícito são os termos de alguma escritura que ela tem nas mãos e que lhe custa fechar-lhes as páginas dessa “escritura difícil”.

No verso 8 o eu lírico observa novamente as três aves que ainda se encontram lá, paradas. Já no verso 9 o eu lírico compara as três aves que estão lá estáticas à Santíssima Trindade da Bíblia. Aqui podemos inferir que ela relaciona o fato dos três pássaros estarem parados, talvez observando-a, talvez ao comportamento do Ser divino em sua trindade de Pai, Filho e Espírito, de as vezes observar de longe como ela reage aos acontecimentos. O eu lírico compara as aves que não se movem com o divino que permanece estático enquanto ela, diante das aflições, tenta se convencer de que tudo está bem.

O eu lírico afirma no verso 10 que faz tempo que se encontra nessa situação, nesse lugar, também parada, sem ação. O tempo que ela diz estar ali não é só em relação ao que está descrevendo entre ela e os pássaros, o tempo que ela descreve é o período que ela está na situação que a aflige, pois no verso 11 ela narra o seu medo de se levantar, de tomar decisão, de ter a iniciativa de mudar o estado em que se encontra.

O medo de se levantar descrito por ela é justamente o medo de sair da zona de conforto, mesmo que essa zona esteja desfavorável para o eu lírico, mas o medo da mudança, do desconhecido, o medo de que as consequências tornem a situação em

que está ainda pior, é o que fez ela permanecer todo esse tempo no mesmo lugar, sem se levantar, sem reagir, para que não se arrependa caso faça algo irreparável, como ela diz no verso 12 “descosturar o inconsútil”, ou seja, fazer algo que não dê para voltar atrás é o que lhe causa temor.

Então algo acontece, as aves se mexem, mudam de galho no verso 13. Como se a própria Trindade se colocasse em movimento, como se essa fosse a autorização para que a poetisa pudesse também agir, como tem no verso 14 “uma licença para eu também me mover”. É como se ela estivesse aguardando apenas uma confirmação de que pode mudar de situação, que do jeito que está nem mesmo as aves/Santíssima Trindade estavam mais dispostas a permanecer.

Encerrando o poema, o eu lírico fala que ao saírem, as rolas, da posição em que estavam, elas escaparam do lugar de “perfeição”. E com a concessão de se mover, Adélia também escapa dessa “perfeição de ser”. Se as rolas/Santíssima Trindade se movimentam e saem desse lugar de perfeição e ao se moverem permitem que a poetisa também tome a mesma iniciativa, Adélia fica livre de permanecer um ser perfeito, permite-se sair desse lugar de perfeição que o ser religioso se julga obrigado a estar.

É interessante observar como o simples contemplar das aves trouxe a presença do divino para o momento descrito por Adélia. É no cotidiano e nas coisas mais simples que ela encontra o sagrado. Nas coisas mais simples porque ela relata uma vida tranquila, comum, mas em tudo o que ela faz ou passa se pode encontrar o Sagrado. É o que Eliade (2010) afirma, que “para o homem religioso das sociedades arcaicas, o Mundo se apresenta carregado de mensagens” (ELIADE, 2010, p. 72).

O segundo poema a ser analisado, também é o segundo poema da parte homônima ao livro. Traz uma reflexão do que se apropria no nosso ser mesmo quando não há concessão. O título do poema é “O hospedeiro” que remete ao ser que serve de abrigo a outro, que faz morada para outro hospedar-se, que pode apenas servir de abrigo e em nada interferir ou alimentar-se do corpo do hospedeiro.

### 3.2 O Hospedeiro

1. Ainda que nasça em mim, não me pertence.
2. Tal qual um olho ou braço esta piedade,
3. o purgatório de ver a pena alheia

4. como se não sofresse eu mesma.
  5. Só pode ser Deus a morte,
  6. tão aterrorizante em seu mistério,
  7. em seu mutismo. A opaca.
  8. Mórbida congênita, me apodam,
  9. este é o preço por teu nascimento
  10. no centro do miolo de Minas.
  11. Eu sei. E sou mais,
  12. melancólica, quase triste.
  13. Padecei muito vergonhas paralisantes,
  14. nem por isso civilizei minha fome,
  15. dentes pra destroçar bananas,
  16. carnes roídas até os ossos.
  17. Me esforço por olhar nos olhos
  18. quem desde que nasci me olha fixo
  19. esperando de mim um assentimento
  20. – ainda que humana e fracamente,
  21. ainda que inepto e bruto –,
  22. um sim.
  23. Tem braços acolhedores
  24. e vem cheia de vida.
  25. É Deus a poderosa morte.
- (PRADO, 2015, p. 456-457)

Adélia inicia seu poema mostrando que o hospedeiro seria o próprio eu lírico, que rejeita aquilo que nasceu nela, mas que não é dela. Esse hóspede que o eu lírico nega ser seu é apresentado no verso 2 como piedade. Ao contrário de um olho ou braço, esse ser, ou melhor, sentimento que habita no eu lírico, não tem grandes benefícios, seria este o purgatório em ver os outros padecendo. O purgatório em seu significado, seria o lugar onde as almas pecadoras ficam até que seus pecados sejam purificados e estas almas possam ter passagem para o paraíso. Essa purificação de pecados requer algum sofrimento que é o preço a ser pago para que as almas tenham seus pecados limpos. No verso 3 ver o sofrimento alheio é a maneira do eu lírico purgar-se, de ter sua alma pecadora e suja livre das manchas morais.

Mas se por um lado ver o infortúnio dos outros faz o eu lírico redimir-se de seus próprios pecados, no verso 4 Adélia coloca a posição do eu lírico também como sofredor, que passa por transgressões e é nesse sentido que o hóspede que há nesse ser não é aceito por seu hospedeiro. Podemos entender que o eu lírico por ser sofredor, por possuir suas próprias aflições, considera injusto ter de compadecer-

se das adversidades que acontece com os outros, compreendendo suficiente que se compadeça de si mesmo.

No verso seguinte, existe um recorte na sequência poética e Adélia faz uma constatação sobre Deus e a morte, fazendo uso mais uma vez do mecanismo de poesia em vitral. Se até o verso 4 o eu lírico discorda em ter piedade das demais pessoas, tendo ela mesma suas próprias transgressões, no verso 5 o eu lírico atenta que Deus seria a própria morte, adjetivando-os, Deus e a morte, nos versos 6 e 7, como misteriosos, silenciosos e obscuros.

Ainda sobre Deus e a morte, o eu lírico refere-se a estes como uma doença congênita. A palavra congênita diz-se do que existe desde o nascimento, e essa obscuridade que é a morte e/ou Deus, faz zombarias do eu lírico, como vemos no verso 8. Essa referência escarnecedora que a morte e/ou Deus faz ao eu lírico, é explicada pelo fato desse eu lírico ter nascido no interior de Minas Gerais, como vemos nos versos 9 e 10. Poderíamos até deduzir que “Minas”, que encontramos no verso 10 seria algum lugar de procura por minerais, mas além da palavra ter sido colocada com inicial em maiúscula, a escritora nasceu no estado de Minas Gerais, o que nos faz observar uma identificação entre a poetisa e o eu lírico.

Após o verso 10 o eu lírico volta a falar do sofrimento, agora do seu sofrimento. Falando de si, o eu lírico afirma saber que é melancólica. Essa melancolia é tamanha que quase a deixa triste. O “quase” do verso 12 mostra que apesar de seu sofrimento, sua dor e tudo o que esse eu lírico já passou, a tristeza não é algo que ele sinta. Ele é “quase” triste por causa de sua melancolia, mas ainda não se deixou entristecer. E continuando nos versos 13 e 14 demonstra sua força e resiliência ao dizer que sofreu muito, grandes constrangimentos, mas isso não fez cessar sua busca pela satisfação na vida: “Padecei muito vergonhas paralisantes, / nem por isso civilizei minha fome” (PRADO, 2015, p. 457).

Quando pensamos em civilizar algo/alguém, remetemos a educar/controlar este lugar/pessoa. Já quando estamos com fome é porque nosso corpo está necessitando de alimento e logo responde com o desejo de comida, para que seja suprida essa necessidade física. Quando o eu lírico diz que apesar das vergonhas e dos sofrimentos vividos ele não civilizou a fome, confessa que teve vontade de reagir a tudo, na mesma medida em que lhe aconteceu os fatos, mas que não se deixou levar pelo instinto e nem por suas vontades primitivas.

Nos versos 17 e 18, o eu lírico afirma que não é espontaneamente, mas com esforço que olha nos olhos de quem desde sempre espera por seu consentimento, espera por seu “sim”. Mas quem é que espera esse “sim” do eu lírico desde seu nascimento? Dos versos 19 ao 24 o eu lírico descreve como estão aguardando o seu consentimento. Seja de maneira humana e fraca, seja de maneira ignorante e incapaz. E quem espera esse consentimento ainda que o eu lírico seja simplesmente humana, fraca, sem razão e selvagem? Essa resposta só vem no último verso, quando ocorre novamente o recorte poético, mas não despretensiosamente, pois o que antes não fazia sentido no primeiro recorte, agora explica-se no fato de que é a morte que sempre esteve à espera do consentimento do eu lírico.

Quando Deus é colocado como sendo a própria morte, é como se estivesse à espera do “sim” do eu lírico. Todos os acontecimentos ocorridos na vida do eu lírico, as transgressões e sofrimentos foram da permissão de Deus para que o eu lírico não suportasse tais coisas e se deixasse vencer. Sendo assim, para o eu lírico, Deus dá o seu consentimento para a morte, mas a piedade que o eu lírico sentia para com o próximo, o faz redimir-se de seus pecados. Além disso, essa piedade que habita no hospedeiro, o eu lírico, acaba fortalecendo-o e fazendo-o atravessar com excelência suas próprias transgressões. A morte, nesse poema, é o próprio Deus. Quebrando a regra de que Deus só é revelado em situações boas, que Ele é vida. Mas se tudo o que vive acaba morrendo e se Ele é a imagem da própria vida, do nascimento, é natural que Ele também seja revelado na morte também, visto que é um fenômeno natural e também criado pelo divino.

A CRIATURA é o sexto poema da segunda parte homônima ao livro. O título desse poema tem por seu significado no dicionário Aulete (2011) “ser ou coisa resultante uma criação”. Se há uma criação, há também um Criador. Sob essa definição, podemos considerar que existe certa relação de poder. Se existe um Criador, este possui poder ou influências sobre a criatura resultante de sua criação. Sendo assim, entendemos que a criatura vive sob influência ou comando do seu Criador.

### 3.3 A Criatura

1. Domingo escuro, sensação de desterro, a vida difícil.
2. Sofre-se muito e cada vez mais,
3. também porque as vigílias são mais longas.



4. Ainda que durmas, deves-te levantar e cuidar da vida,
  5. sujeitar-te à pouca destreza de um corpo
  6. que não aprende as sutilezas da alma
  7. e a todo instante perturba-te o repouso.
  8. Precisas comer, limpar-te, mostrar-te apresentável
  9. a quem chama na porta, salvar-te com compostura
  10. do teu destino metabólico,
  11. dormir na própria cruz sem sobressaltos,
  12. como um bebê brincando com suas fezes.
  13. Ó meu Deus, dizer o que disse
  14. e não ter dúvidas de que escrevi um poema
  15. é saber na carne: verdadeiramente
  16. dar-Vos graças é meu dever e salvação.
- (PRADO, 2015, p. 459)

Partindo para o primeiro verso do poema, observamos um eu lírico melancólico, abatido, entristecido com a vida e observamos isso nas palavras com as quais o eu lírico começa o poema. Temos no verso 1 “Domingo escuro, sensação de desterro, a vida difícil.” (PRADO, 2015, p. 459). Sabemos que o domingo é um dia calmo para a maioria das pessoas, é o dia em que descansamos, mas no poema, o domingo não vem com essa conotação, pois esse dia da semana para eu lírico é escuro. Pode até continuar sendo um domingo calmo, mas essa calma, essa serenidade que esse dia traz consigo não é bom para esse eu lírico, pois além de ser um “Domingo escuro,” existe também uma “sensação de desterro”, uma sensação de abandono, de estar em um lugar onde não é seu lar, assemelhando-se à sensação de ser um exilado, de ser alguém expulso do seu lugar. Ainda no primeiro verso o eu lírico também aponta uma “vida difícil” que vai sendo descrita no decorrer do poema.

No segundo verso o eu lírico começa uma tentativa de explicar as dificuldades da vida que ele tinha citado no verso anterior. A vida seria difícil porque “Sofre-se muito e cada vez mais”. Vemos que o eu lírico traz em seu íntimo sentimentos de dor, de sofrimento e que esses sentimentos são cada vez mais alimentados pelo fato de serem intermináveis e continua sua justificativa afirmando que as noites são mais longas: “também porque as vigílias são mais longas”. Para os cristãos, as vigílias longas, demoradas e acontecem à noite e endossam o versículo que diz: “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.” (SALMOS 30:5).

Na sequência do poema, o eu lírico atenta para que apesar das angústias e das noites longas, ainda que consigamos dormir, devemos levantar no outro dia e seguir com a vida, que devemos “cuidar” da vida, mesmo sendo difícil e sofrida, devemos continuar a jornada e se sujeitar ao pouco que aquele corpo pode oferecer, mesmo que ao amanhecer a alegria não chegue. “Ainda que durmas, deves-te levantar e cuidar da vida, / sujeitar-te à pouca destreza de um corpo / que não aprende as sutilezas da alma / e a todo instante perturba-te o repouso” (PRADO, 2015, p. 459). É nesses quatro versos que o eu lírico mostra a força que devemos ter para seguir com a vida. Mostra-nos que o corpo não pode ser conduzido pela alma, que deve resistir aos “caprichos” da alma, que mesmo delicada e em repouso, deve ser incomodada pelo corpo, para que não permaneça, corpo e alma, entregues às circunstâncias adversas da vida.

O eu lírico continua falando no verso 8 como e porque o corpo não pode ceder às vontades da alma. “Precisas comer, limpar-te, mostrar-te apresentável / a quem chama na porta, salvar-te com compostura / do teu destino metabólico” (PRADO, 2015, p. 459). Aqui o eu lírico fala sobre as convenções sociais. Mesmo estando tristes, passando por situações conflitantes, observamos que a orientação não só do eu lírico, mas da própria sociedade é que você se vista, se arrume e esteja apresentável para quem quer que esteja à sua porta. Além das obrigações sociais, mostra-nos também as necessidades físicas: “Precisas comer”, mas não por cuidado do corpo, mas sim para atender às convenções sociais e não impactar com uma possível decisão de se abster dos alimentos.

Temos nos versos 11 e 12 que essas providências que o eu lírico tem de tomar mesmo diante de suas angústias, deve ser algo natural, sem espantos, pois “dormir na própria cruz” é ter tranquilidade diante das dificuldades, é estar conformado e com a sina a qual está sujeito e até mesmo a inocência de não perceber a dimensão das transgressões que traz dentro de si.

No verso 13 o eu lírico dialoga com o ser divino em quem crê e ao mesmo tempo fala da construção de tudo o que disse. Nos versos 13 e 14 existe a consciência de que as palavras ditas até agora formam um poema. Essa consciência nos faz aproximar o eu lírico da poetisa. É nesse momento que Adélia Prado se confunde e se mistura com o eu lírico do poema, trabalhando com a metapoesia. Já nos versos 15 e 16 o eu lírico conclui fazendo uma afirmação de sua fé e devoção

ao Deus que serve quando diz que o seu “dever” é dar graças a esse Deus, e dar graças também é o que fará com que esse eu lírico consiga sua salvação.

Observamos que o poema todo faz uma descrição da situação emocional do eu lírico. Fala de suas dificuldades e, conseqüentemente, de seus sofrimentos, mas que como cristã, tais circunstâncias não podem fazer com que esse eu lírico ceda às adversidades e sentimentos negativos. Ao contrário disso, deve seguir em frente, levantar de manhã, pois sua posição não só de religiosa, mas na sociedade deve ser mantida íntegra, independente de como esteja sua alma. O eu lírico mostra que é assim que deve ser a criação de Deus, A CRIATURA pode sentir-se frágil, mas deve possuir forças para que os infortúnios encontrados na estrada da vida não a façam parar e nem fraquejar. É assim que esse eu lírico se mostra, criatura divina, mas humana, que deve graças ao Deus de sua fé, mesmo que sua situação não seja favorável.

Nesse poema o divino não se revela no exterior do indivíduo, mas dentro dele. É o Ser sagrado que faz manifestar seu poder dentro do homem religioso para que ele se erga diante das adversidades em que se encontra. Sem a manifestação desse sagrado, o indivíduo se renderia às dificuldades e apenas após superá-las é que se colocaria de pé diante de si e da sociedade, mas a presença desse sagrado dentro de si faz com que a poetisa consiga, mesmo em meio as dificuldades, encontrar-se firme diante dela mesma e de todos.

O quarto e último poema a analisarmos encontra-se na terceira parte do livro *Miserere* que tem por título “Pomar”. O título faz referência não ao pai terreno, o que é genitor, mas o pai divino que está no céu, mas que prontamente desce à terra para distribuir afetos com sua filha, a própria poetisa.

### 3.4 O Pai

1. Deus não fala comigo
2. nem uma palavrinha das que sussurra aos santos.
3. Sabe que tenho medo e, se o fizesse,
4. como um aborígene coberto de amuletos
5. sacrificaria aos estalidos da mata;
6. não me tirasse a vida um tal terror.
7. A seus afagos não sei como agradecer,
8. beija-flor que entra na tenda,
9. flor que sob meus olhos desabrocha,

10. três rolinhas imóveis sobre o muro
  11. e uma alegria súbita,
  12. gozo no espírito estremecendo a carne.
  13. Mesmo depois de velha me trata como filhinha.
  14. De tempestades, só mostra o começo e o fim
- (PRADO, 2015, p. 470)

No primeiro verso, a poetisa afirma que Deus não fala com ela. O tom parece de pesar, como se a escritora estivesse lamentando o fato de não ter diálogo com Deus. No verso 2 ela continua dizendo que Deus não fala nem uma única palavra com ela, como julga a poetisa que Deus o faça com os santos. Em sua concepção a poetisa acredita que os santos possuem um diálogo com Deus. Mas do verso 3 ao 6 Adélia revela que, para ela, Deus não promove nenhuma comunicação por saber que ela é temerosa e que caso falasse com ela talvez morreria de tanto medo, tal como um nativo/indígena que coberto de amuletos por temor aos deuses da floresta, se sacrificaria aos sinais da mata, julgando já ser o momento de encontro com a divindade.

No verso 7 o tom de lamento já não é mais sentido, aparecendo apenas o sentimento de gratidão do eu lírico, afirmando que aos afetos que Deus lhe dá não tem como agradecer. Então percebemos que a primeira impressão que temos do eu lírico se lamentar por Deus não falar com ela, já é dizendo como ele cuida dela, pois não o faz por saber de seu medo em ouvir sua voz.

Do verso 8 ao 10 o eu lírico descreve como são os afagos que Deus faz nela e descreve cenas da natureza. O beija-flor que entra em sua tenda, o desabrochar da flor diante dos seus olhos e faz novamente referência a 3 rolinhas em cima de um muro, essa última descrição já vimos em outro poema, essas cenas comuns na natureza são descritas pelo eu lírico como sendo maneiras de Deus lhe dar afago. Observamos que essa revelação do sagrado na natureza é própria apenas do homem religioso, “para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade” (ELIADE, 2010, p. 13).

Mas não só a natureza é reflexo do afeto de Deus com a poetisa, mas a alegria que sente e descreve como súbita, repentina no verso 11, bem como o prazer em seu espírito que faz estremecer sua carne, verso 12, são maneiras que, para a poetisa, Deus consegue demonstrar seu sentimento afetuoso para com ela, cuidados que só um pai poderia ter com um filho, no caso, com uma filha amada.

No verso 13 o eu lírico fala que não é mais nova, já é uma mulher velha, mas que ainda assim, Deus, seu Pai, a trata como “filhinha” e no verso 14 revela que o cuidar de Deus e o tratá-la como “filhinha” também se dá porque nas tempestades, ou seja, nas dificuldades da vida, nas tribulações, Deus não mostra a ela, só a deixa exposta, no início e no fim, como se não permitisse sentir todo o caminho árduo e doloroso das adversidades da vida que já tem certo tempo de estrada.

Nesse poema, Adélia coloca o sagrado como seu pai. Esse Ser é quem cuida da poetisa, quem lhe afaga os dias e que a protege do pior das tempestades. Vemos que a autora sente-se tão próxima do Ser sagrado a ponto de chamá-lo de Pai, de achar que coisas banais que ocorrem na natureza são feitas especialmente para ela como sinal de acolhimento desse Ser supremo, é o que Eliade (2010) revela ser a tentativa do homem religioso de aproximar-se do ser divino, detentor do poder absoluto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos acerca de como o sagrado se apresenta da obra de Adélia Prado observados nesse trabalho mostram que a autora revela uma concepção de divindade que diverge com algumas visões religiosas, que têm o Ser divino como algo sobrenatural, sobre-humano distante do cotidiano e apenas isso. Ao contrário desse pensamento, Adélia compreende que seu Deus é sobrenatural, mas que também se apresenta nas coisas mais naturais da vida, no simples e para ela Deus também é sobre-humano, mas também se faz humano, se compadece das adversidades enfrentadas por suas criaturas que não são só criações, são seus filhos. O ser divino para Adélia concede acesso direto entre Ele e o homem, entre Criador e criação, entre Pai e filho.

Chegamos à conclusão de que para Adélia o sagrado se apresenta de maneira natural, simples e cotidiana e a construção dessa sacralidade acontece em qualquer lugar que a poetisa esteja, seja na natureza, seja em casa e até dentro de si mesma. Para Adélia o ser divino tem liberdade de se revelar a qualquer momento e de várias maneiras. Sua fé e intimidade com o seu Deus não impõe barreiras entre ela e o sagrado, ao contrário do que acontece em algumas religiões. A certeza de que tudo o que existe é produto das mãos de um criador que lhe chama de filha, permite a ela essa relação de proximidade, essa intimidade e a experiência de poder vivenciar de perto todas as manifestações desse Ser divino.

Adélia rega suas poesias com suas próprias experiências, suas obras não revelam a criação de personagens. Os sentimentos ou situações os quais encontramos nas linhas escritas por ela pertencem ou pertenceram a ela mesma e ainda que a imaginação de algo que não foi real tenha sido colocado em seus escritos. Ainda assim essa imaginação não foge ao que Adélia é, ao que ela crê ou exala, um sentimento divino, sagrado que abarca toda sua existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES. José Hélder Pinheiro. **Poesia de Adélia Prado**. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. “Oráculos de Adélia”. In: **Revista de literatura brasileira Teresa**. Nº 1, 1º semestre de 2000. São Paulo: Ed. 34, 2000 , p. 233 – 236.

\_\_\_\_\_. A sarça ardente e a mulher confusa: Aspectos da lírica religiosa de Adélia Prado”. In: SWARNAKAR, Sudah; MOURA, Arlet Pereira. **Ensaios comparativos**. Campina Grande: Eduerp, 2007, p. 75 – 86.

\_\_\_\_\_. **De Bagagem a Miserere: “a inominável corisca poesia” de Adélia Prado**. Belo Horizonte: Scripta, v. 18, n. 35, p. 125-142, 2º sem. 2014.

AUDETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Atualizada. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. **Adélia Prado e a poética do sagrado**. Organon (UFRGS). Porto Alegre (RS), v.16, p. 236-242, 1989.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Adélia Prado**. Instituto Moreira Salles, número 9, jun. 2000.

CARDEAL, Rafaela. **O olhar sacramental na poesia de Adélia Prado**. Curitiba: Revista Versalete, vol. 3, nº 4, ISSN: 2318 – 1028, p. 379-390, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol3-04/378RafaelaCardeal.pdf>.

COSTA, Rafael Magno de Paula. **Presença de sacralidade na literatura**. Estação Literária. Londrina, Vagão, vol. 8, parte B, ISSN 1983-1048, p. 48-57, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

JÚNIOR, Josias da Costa. **Religião e literatura na poética mística de Adélia Prado**. Belo Horizonte: Horizonte, v. 10, n. 25, ISSN: 2175-5841, p. 120-135, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n25p120> >. Acesso em: 30 mai. 2016.

MARQUEZ, Maira Carmo. **A poesia de Bagagem, de Adélia Prado**. Dissertação de Mestrado em Literatura. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2012, p. 94-100.

MASSI, Augusto. Móbile para Adélia. In: **Adélia Prado: poesia reunida**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

OLIVEIRA, Paloma do Nascimento. **Cotidiano, religiosidade e erotismo em Adélia Prado**. Dissertação de Mestrado em Literatura. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2012.

PORTELA, Bruno de Oliveira Silva. **A perspectiva do sagrado na obra de Rudolf Otto**. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/download/62/58>. Acesso em: 10 ago. 2017.

PRADO, Adélia. *Miserere*. In: **Poesia reunida**. São Paulo: Record, 2015, p. 439-491.

\_\_\_\_\_. *A Faca no Peito*. In: **Poesia reunida**. São Paulo: Record, 2015, p. 283-314.

\_\_\_\_\_. *A Duração do Dia*. In: **Poesia reunida**. São Paulo: Record, 2015, p. 383-438.

\_\_\_\_\_. *Oráculos de Maio*. In: **Poesia reunida**. São Paulo: Record, 2015, p. 323-375.



\_\_\_\_\_. *Terra de Santa Cruz*. In: **Poesia reunida**. São Paulo: Record, 2015, p. 181-225.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Adélia: a mulher, o corpo e a poesia. In: PRADO, Adélia. **O coração disparado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 7-15.

SILVA, Alcione carvalho da. **O sagrado e o profano na autonomia do homem moderno**. Dissertação de Mestrado em Teologia Sistemática. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2013.

ZOLIN, L. O. Crítica Feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.) *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendência contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-240.

\_\_\_\_\_. O. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.) *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendência contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 327-335.